

História de um lutador

Bruno de Almeida filmou o *Belarmino* americano. *Counterpuncher*, biopic do pugilista Bobby «Irish» Cassidy, tem o génio, o épico e sobretudo a verdade do filme mítico de Fernando Lopes. Não lhe falta sequer o pendor crístico, o ritual. O ringue é o altar. O gongo final é a redenção.

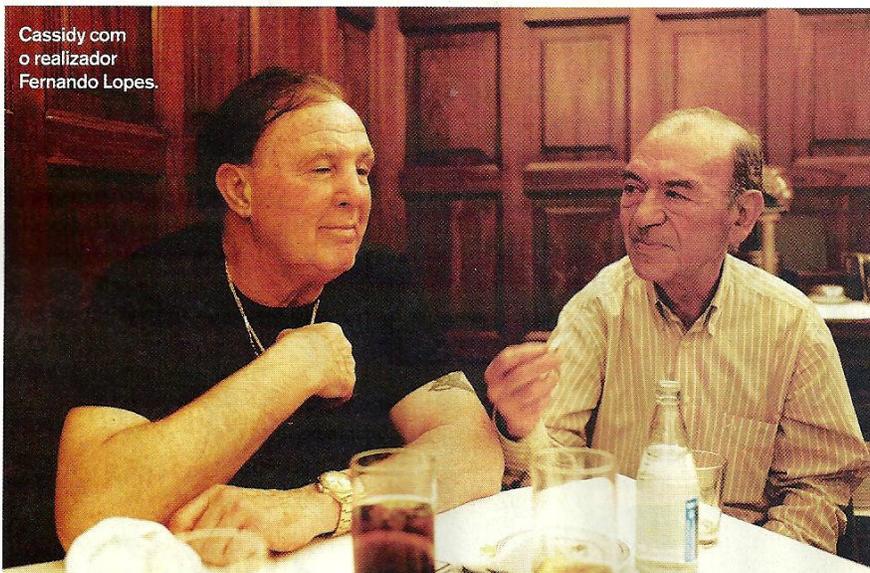
TEXTO TIAGO SALAZAR FOTOGRAFIA PEDRO LOUREIRO

ALMEIDA REGISTOU uma longa entrevista despojado de artificios e o pugilista de Levittown, Long Island, nos subúrbios de Nova Iorque, devolveu-lhe uma narrativa de guarda aberta, sanguínea, crua e sem véus. A história, essa, só podia dar um filme, um épico da verdade. «Fui para isto porque tinha de haver uma razão trágica. Tive uma infância do piorio», conta Bobby «Irish» Cassidy, 65 anos, entre golos vorazes de café com leite e olhares colaterais às meninas que passam rente à esplanada da pastelaria Benard, no Chiado, em pleno coração de Lisboa.

«Era espancado à vez. Primeiro pela minha mãe, com cinto e fivela, depois pelo meu padrasto, com um bastão. Antes de ser *boxeur* eu era o saco de boxe. Aos oito anos o meu

pensamento diário era ou os mato a eles ou me mato a mim. Quis ser alguém, felizmente, e provar-lhes que era melhor do que eles todos juntos.» Meio século depois, a raiva não desvaneceu nem após uma coleção de vitórias, num total de sessenta em oitenta combates. Apenas os dois filhos que criou sozinho lhe apaziguam a ira. O punho esquerdo quase nunca se descerra. Neste instante é a mão direita que me afaga a nuca e diz como quem dá conselhos a um filho: «É preciso ter estofo para esta vida, é preciso uma dureza inata, não é para todos.»

Estou diante de um gladiador ternurento. O cineasta Fernando Lopes, a quem Bruno trata carinhosamente por «avô Lopes», faz pasmado a ronda de Cassidy pela noite lisboeta. «Parece



Cassidy com o realizador Fernando Lopes.



que estou num *remake* do *Belarmino*», comenta com um olhar juvenil. Refere-se ao documentário que ele próprio realizou em 1964 sobre a vida dramática do pugilista português Belarmino Fragoso, que depois de uma carreira promissora acabou como engraxador.

«É raro conhecer um lutador instintivo. Cassidy é um deles.» Onde o gigante Cassidy entra o mundo inquieta-se. Por exemplo, a plateia do Gambrinus desconhece o gladiador, nada que impeça uma sala inteira de desviar os olhos para o colosso que lança as íris temíveis na presença de estranhos. Aos 65 anos, a corpulência é outra, o pescoço descai, a voz sai-lhe arrastada, o olhar por vezes escapa inerte para longe, mas diz-se que continua a fazer mil flexões por dia e a aplicar o seu famoso murro – pelo menos no saco pendurado na cave de Levittown ou nos mais atrevidos.



TODAS AS CONVERSAS resvalam para o boxe, a arte bruta do boxe, as mulheres e a beleza feminina, Deus e a paternidade, esta, «o combate mais importante de um homem». O discurso de Cassidy não é uma afirmação de virilidade tardia mas uma sentença de vida. «Quando descobriram a pura adrenalina deviam ter-lhe chamado Cassidy», diz Almeida. O gigante nunca competiu como amador. No primeiro combate julgavam que estava no ringue um branco miserável dos subúrbios. O adversário desconhecia que Cassidy era canhoto e achou que este não sabia lutar. Durou menos de um minuto até Cassidy o socar com o seu ainda desconhecido *counterpunch*, um duplo gancho de esquerda capaz de atirar ursos siberianos ao tapete. «Foi um bom começo», brinca.

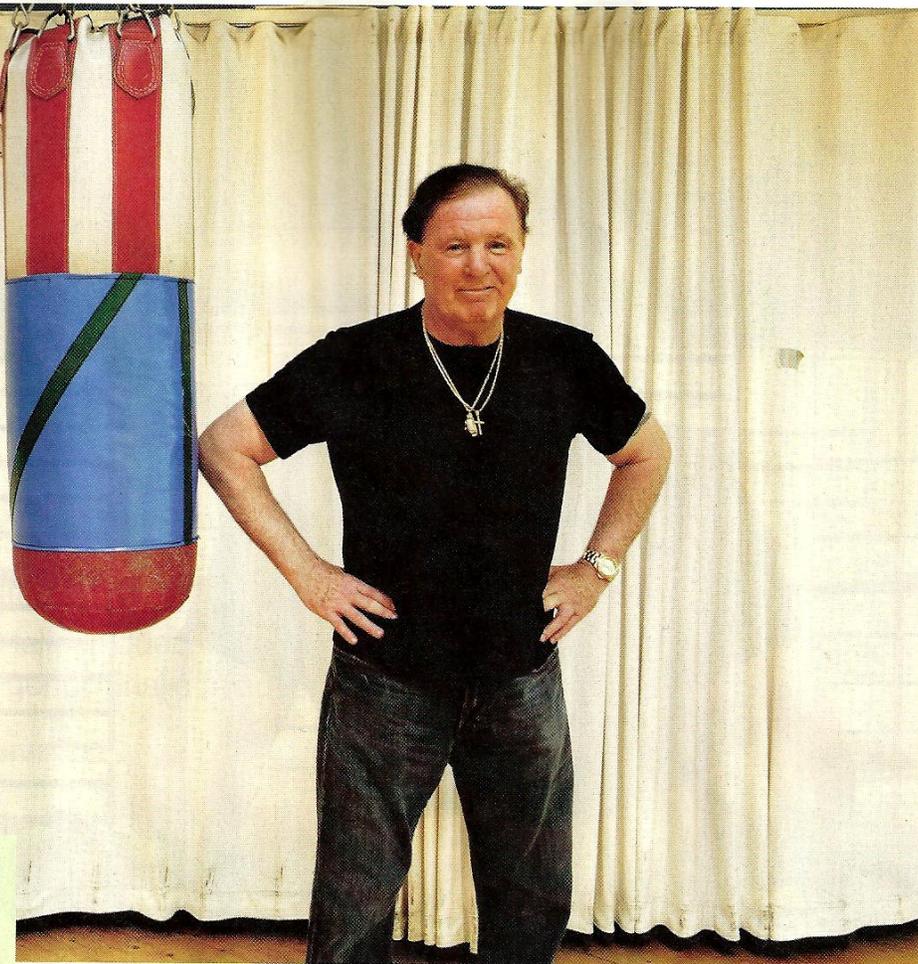
Medo? Passava-lhe mal o sino tocava. «Confia no meu golpe. Não temia a dor. Até gostava.

Aprendi a viver com ela desde cedo. O problema é quando não vês o soco. Em oito segundos revês a vida toda. Uma vez levei um *jab* e pensei: estou em Miami todo nu. Vou levar a minha mulher a jantar, a ver o céu. Vês estrelas nessa altura. Eu vi umas quantas vezes. Ganhei de volta os pés ao terceiro assalto. Aqui tive outro pensamento: filho da mãe, vais ver como elas te mordem!»

Cassidy entrava a matar, para magoar, para es-traçalhar. A esquerda curta e de contra-ataque deu-lhe muitas vitórias demolidoras. «Não era de levar.» Não era um provocador como Muhammad Ali que apanhava um soco para dar outro a seguir quando o outro ainda estava a recolher o braço. Não era um saco de encher como o Jack, la Motta, o famoso *Touro Enraivecido* (filmado por Martin Scorsese, com Robert de Niro no papel do histórico pugilista).

«Era espancado à vez. Primeiro pela minha mãe, com cinto e fivela, depois pelo meu padrasto, com um bastão. Antes de ser *boxeur* eu era o saco de boxe.»

Cassidy recorda Muhammad Ali e o combate com Joe Frazier, que assistiu como uma criança no circo. «Ali era um tigre. O maior desportista de sempre. O maior bailarino. Melhor do que Fred Astaire. Invejava-lhe a leveza de borboleta. Eu era um pé de chumbo, um brutamontes. O Ali era de aço mas no tapete parecia uma pluma. Havia uns que o imitavam



O irlandês canhoto

O novo filme de Bruno de Almeida, *Bobby Cassidy, Counterpuncher*, é um documentário de longa-metragem sobre o pugilista nova-iorquino Bobby Cassidy. *Boxeur* profissional durante 18 anos, Bobby Cassidy participou em mais de oitenta combates contra grandes pugilistas como Luis Rodriguez, Sandro Mazzinghi, Rodrigo Valdez, Gypsy Joe Harris, Tom "The Bomb" Bethea e Jimmy Dupree. Na sua longa carreira, conta sessenta vitórias, 16 derrotas, três empates, uma indecisão e 27 KO. Embora nunca tenha conquistado o título de campeão, Bobby Cassidy, um pugilista canhoto de pulso forte famoso pelo seu contra-ataque, foi considerado em 1976, pela World Boxing Commission como o n.º 1 da divisão de meio-pesados.

Ao reformar-se, nos anos oitenta, foi ainda treinador de dois campeões do mundo, Donny Lalonde e Lonnie Bradley. Em 2002 foi admitido no New Jersey Boxing Hall of Fame. Originário de uma família irlandesa de Levittown, em Long Island, nos subúrbios de Nova Iorque, Bobby Cassidy nasceu em 1944 e teve uma vida violenta, tanto dentro como fora do ringue. A sua actividade na máfia acabou por levá-lo à prisão. Mais tarde tornou-se actor profissional, tendo participado em pequenos papéis em filmes como *Rocky* e *Uncle Joe Shannon*. Foi ainda treinador pessoal de Robert de Niro nos anos noventa. No meio de uma vida dura e conturbada, Bobby Cassidy conseguiu ser um pai admirável criando sozinho os seus dois filhos, Bobby Jr. e Chris Cassidy.

mas dançavam como larilas. O Ali até nisso era macho», diz, rindo.

A oratória intimidante e desdenhosa de Ali com os adversários não era coisa que o fascinasse. Preferia aplicar-lhes o *counterpunch* o mais rápido possível e voltar para o papel de pai. Um dos combates, com os filhos presentes, durou 15 segundos, o tempo de chegar ao ringue, despir o robe, esmurrar o adversário e voltar às cabinas para o duche. Aos jornais comentou que estava com pressa para levar os filhos a jantar. «O meu melhor combate acabou num KO, de pé com o Jimmy "The Cat" Dupree suspenso nas cordas. Um grande pugilista. Venceu-me mais do que uma vez. Nesse dia tive a minha desforra.»

FOI A ÉPOCA do «Moustachio» Bobby Cassidy, anos setenta, de bigode de piaçaba à mexicano, álcool e mulheres a rodos. Nessa altura, podia ter lutado pelo título de campeão mundial. «O combate esteve marcado mas o adversário partiu a mão e foi adiado. Nunca chegou a acontecer. É a minha grande frustração», confessa. Cassidy competiu 18 anos, um recorde na carreira de um pugilista pesado. Para poder continuar a competir operou as pálpebras, limou os ossos, removeu as cartilagens e o tecido martirizado por centenas de cicatrizes. «Fi-lo pelos meus filhos, para ganhar dinheiro, não por orgulho», recorda. Quando largou o boxe

Foi na cadeia que descobriu Deus e Tennessee Williams: «A Bíblia e *Um Eléctrico Chamado Desejo* são os livros da minha vida.»

tornou-se cobrador de dívidas de mafiosos nova-iorquinos. «Acho que era bom a intimidar as pessoas. Uma vez fui visitar um tipo que devia dois mil dólares ao meu cliente. Assim que me viu começou a chorar. Nunca pensei que fosse tão convincente.»

A vida de agiota não durou e Cassidy acabaria preso. Foi na cadeia que descobriu Deus e Tennessee Williams. «A Bíblia e *Um Eléctrico Chamado Desejo* são os livros da minha vida», diz, de olhos cintilantes. No documentário de Almeida, o gigante Cassidy reproduz de forma sublime o monólogo de Louis «Mountain» Rivera (Anthony Quinn) em *Um Homem e o Seu Destino* (*Requiem for a Heavyweight*, de Ralph Nelson, com Mickey Rooney, Jack Dempsey e Muhammad Ali no papel de si próprios). A provar-me que não fora uma cena montada para impressionar o júri volta a percorrer a confissão de Rivera, palavra a palavra, como se passasse de fio a pavio a história danada da sua própria vida. ■